



Escrever, você escuta
alguma coisa.

Comecei a escrever sozinho.

Coloco no que escrevo
o meu mundo.

Nós temos de trabalhar
com os materiais da vida.

Mas eu me reconheço
em todos os livros.

Ler e escrever é parte
de uma necessidade,
nada mais que isso.

A leitura precede
a literatura.

A vida fica melhor escrevendo.

Para mim o mais importante
é a minha relação
com a escrita.

"Quando é que morreu
essa cidade
que insiste em viver em mim?"

Se tivesse ficado aqui,
eu hoje não a teria comigo.

Ela se apagaria, seria
sorratamente substituída

pelas ruínas de agora.

E eu talvez fosse um agricultor
plantando uma semente cara

para dar de graça a colheita.

Os jovens não me conhecem e
nos velhos não me reconhecem.

O grande amigo da infância que
queria ser músico

é agora um gordo entregador
do mercado da cidade.

Tantos amigos viraram inimigos.

Me olham como um intruso
por ter traído um destino.

Por não ter vestido a sina que
a cidade me preparara,

por não ter tido paciência
com essa maldita poeira

que envelhece as casas,

racha os pés das mulheres,
das mulheres que amei,

hoje, gordas madonas,
andando de chinelas de dedo

e falando mal das meninas em
flor que bebem bebem bebem

para esquecer que logo serão
velhas e arrastarão seus filhos

e seu destino estúpido

pelas ruas imundas
deste povoado de pó".

Eu não tive uma infância normal.

Tem um verso do Mário Quintana
que eu sempre cito,

perguntaram para ele porque ele
escrevia tanto sobre a infância,

e a resposta foi: "Porque eu
não tive infância".

De uma certa forma eu não tive
infância, porque,

nascido em 1965, numa família
de agricultores pobres,
analfabetos,

meu pai morreu quando
eu tinha quatro anos de idade.

E a partir deste episódio,
a morte do meu pai,

eu passei a ter uma aceleração
no processo de informação,
quer dizer,

fiquei órfão e acabamos mudando
a família toda para uma outra
cidade,

mais no centro do Paraná

e lá fui ser filho de uma
mãe viúva que era costureira.

Depois minha mãe casou-se,
teve uma presença muito forte

onde meu padrasto que veio morar
conosco com mais dois filhos

e que deu uma educação muito
violenta para nós,

nós não podíamos fazer nada,
éramos extremamente reprimidos,
apanhávamos.

Fui criado com essa sensação de
que não tinha pai

e se meu pai fosse vivo, não me
trataria de forma tão violenta.

Então passei a infância com
muitos dramas, muitas brigas.

Uma aversão total
à modernidade,

a minha família não comprava
quase nada no mercado,

tudo era produzido em casa até
eu ter mais ou menos uns doze,
treze anos.

Então foi uma infância,
poderia dizer, quase que
passada na Idade Média.

A minha mãe fazia as roupas,
toda alimentação era produzida
ou no sítio ou no quintal.

O grande salto foi quando eu
fui para um colégio interno

e lá eu comecei a ter contato
com a modernidade,

eu saí daquela influência
"medieval" da minha família.

Meu pai, quando vivo ainda,
eu já tinha nascido,

meu pai tinha um grande sonho,
o sonho dele era escrever o
próprio nome,

ele era analfabeto.

Ele era espanhol,
extremamente impulsivo,
ele comprou alguns cadernos,
lápiz, canetas,
levou para casa e falou para
minha mãe,
que tinha o primário
incompleto,
que queria aprender a escrever
o próprio nome e ela o
ensinasse a fazer isso.
Ele tentou várias vezes
e não conseguiu,
ao final de cada tentativa,
ele rasgava os cadernos,
quebrava os lápis,
como um bom espanhol, e dizia
que não queria mais saber disso
e que ia continuar colocando o
dedão dele na hora que tinha
que assinar alguma coisa.
Ele fez isso duas ou três vezes
e nunca aprendeu a escrever o
próprio nome.
Minha mãe, depois da morte dele,
me criou e criou minha irmã
com essa obrigação de que
a gente se alfabetizasse,
de que a gente estudasse e
não passasse por aquele
processo de constrangimento que

ele sempre passou.

Então eu fui predisposto ao longo de toda minha infância

a ser alfabetizado, e houve uma valorização muito grande da palavra escrita.

Isso eu acabei internalizando.

Eu não tinha muita consciência de que queria ser escritor,

mas tinha muita consciência de que queria estudar.

E estudar entrava em conflito com os princípios do meu padrasto.

Porque meu padrasto queria que eu me formasse agricultor,

que eu trabalhasse na roça, que eu trabalhasse na cerealista que ele tinha,

que eu fosse uma pessoa do campo.

Ao mesmo tempo, minha mãe queria que eu fosse uma pessoa letrada.

As pessoas não acreditam quando eu falo isto, mas eu trabalhei na roça,

puxei enxada, colhi algodão, dirigi tratores,

trabalhei realmente em contato muito grande com esse

Brasil rural tão comum na
história do nosso país.

Algumas pessoas não acreditam
e eu tenho uma prova
contundente disso,

a minha carteira de identidade

tem a marca dos calos da época
que eu trabalhava na roça.

Então tem lá meu dedo
e uma marca que eu tinha,

de um calo que e que
não era da caneta, com certeza,

e é uma marca muito forte,
todas as vezes que eu olho
minha identidade,

que se não me falha a memória
foi tirada no ano de 79, ou 80,

está lá essa marca.

Esse meu padrasto
tinha um grande defeito,
ele tinha pavor do estudo.

Ele odiava as pessoas
que estudavam.

Foi então a partir de uma
descoberta da biblioteca
pública,

que funcionava dentro
da minha escola,

depois de ter recebido
um castigo,

que eu acabei me fazendo um

leitor e pude potencializar

aquele desejo que
eu tinha de escrita.

Porque desejo de escrita,
desejo de expressão,
vocação para escrita,

  uma coisa comum, muitas
pessoas têm em níveis ou
em grau diferentes.

Mas para que a coisa
realmente funcione,

para que você se torne
realmente um escritor,

você tem que potencializar
esse desejo.

Mas no meu caso eu não tinha
onde buscar essa energia,

por um acaso que eu acabei
caindo na biblioteca da escola.

Eu talvez seja o único caso da
literatura no mundo

que começou a ler porque
bateu em alguém.

Então me deram um trabalho
para fazer na biblioteca.

Foi a primeira vez que
entrei na biblioteca
para fazer um trabalho,

essa coisa horrorosa que  
ir fazer uma pesquisa,
um trabalho.

Fui lá na biblioteca, olhei
aquele monte de livros,

voltei outro dia,
voltei outro dia,

já não mais para fazer trabalho
e fui me formando leitor.

Essa trajetória de leitor então
fez com que eu sonhasse
estudar fora da minha cidade.

A partir daí, fiz a trajetória
clássica, fiz letras,

mudei para Curitiba, comecei a
trabalhar, escrever em jornal,

frequentar pós-graduação e
tudo mais que a gente faz.

Entre esses
dois modelos antagônicos

eu fui mais ou menos
procurando meu caminho.

E meu caminho acabou sendo
a escrita, não só o estudo,
mas a escrita.

E eu acabei, então,
colocando no papel
muitos desses sentimentos,

muitas dessas tensões que eu
não tinha como externar de
outra forma,

acabei colocando no papel.

Daí até a descoberta de que eu
podia transformar isso numa
profissão foi um pulo.

De tal forma que sou um
escritor formado muito na vida,
nesse confronto,

e com essa herança genética
da palavra escrita,

eu tinha que me alfabetizar
para não colocar meu dedo
no papel.

Mas eu tinha um grande desafio
que era escrever um romance,

acho que todo escritor
que é um ficcionista,

o romance é um espécie de
diploma universitário, e a
gente busca isso.

Mas ao mesmo tempo eu me
constrangia diante da minha
própria história.

Poxa vida, como um cara que
teve minha história quer ser
um romancista?

Romancista no Brasil é o cara
que morou em Nova Iorque,

estudou nas principais
universidades, viajou o mundo,
percorreu a Europa de mochila,

quer dizer, tem uma
experiência internacional,
ou no mínimo nacional,

a minha experiência era muito
rural, interiorana.

E ao mesmo tempo

eu escondia isso,
estava escrevendo uns contos
que se ambientavam em Curitiba
e tinha uma preocupação em não
escancarar essa trajetória.

Por outro lado eu perguntava
sobre o que vou escrever
nesse romance,

qual vai ser o tema desse
romance, o que vai embasar.

Pensava, Jorge Amado escreveu
sobre a Bahia sensual,
escreveu sobre o cacau que é
um grande tema.

Graciliano Ramos escreveu
sobre a seca,
sobre o homem nordestino,

isso tudo são coisas que fazem
parte da história do país,
já estão consagradas,
instituídas enquanto imagem.

E o meu universo não estava
instituído ainda, não posso
escrever sobre isso.

Até que em 1999,
eu tinha 35 anos,
estava para fazer 35 anos,

descobri que eu tinha uma
doença crônica chamada
Síndrome de Addison,

e aquilo me abalou bastante,
comecei um tratamento,

é uma doença que não diminui
a expectativa de vida,

mas eu perdi todas
as glândulas do corpo.

E aquilo mexeu muito comigo,
ou eu escrevo o romance ou vou
deixar de escrever esse romance.

Então falei: "Vou escrever
sobre a única coisa
que no momento eu sei

e conheço profundamente -
que é minha própria vida".

E comecei então a escrever
esse romance,
a partir de uma cena

que é um menino numa área

passando umas figurinhas
na parede,

uns decalques, umas figurinhas
que é uma coisa da minha
memória mesmo,

colocava na água aquelas
figurinhas e passava na parede
e fazia o decalque da imagem.

Para mim é o símbolo
daquele romance,

aquele romance é como essa
figurinha que eu decalquei,

é a história da minha família
que eu decalquei.

Então, você fala: "Ah, tem

toda essa questão de memória".

Tem a questão de memória, mas
tem também a questão ficcional.

Tem uma estrutura ficcional,
tem linguagem literária,

portanto, tem uma pegada
literária mesmo

embora tenha todo esse vínculo
com o passado.

Essa história estava tão
latente em mim

que eu escrevi esse romance em
menos de um mês.

Eu não tive maiores problemas
para escrever porque eu comecei
a contar uma coisa

e ela puxava outra coisa
que puxava outra coisa,

um fio puxava outro fio, de
forma que eu tezi esse romance.

Quando eu terminei o romance
as pessoas me perguntaram,

"Quanto tempo você demorou
para escrever esse romance?"

Eu sempre disse, "100 anos".

Porque essa história começou
a ser escrita pela minha bisavó,

que tinha já uma
tendência literária,
uma vocação literária

mas era analfabeta, passou por
minha mãe, passou por mim
e eu estava ali contando.

Então são três gerações
que estão presentes
naquelas histórias.

Muitas pessoas dizem,
"Mas isso não é da época
em que você viveu,

essa expressão, esse tipo de
coisa, esse tipo de alimento."

Mas eu vim herdando isso ao
longo dos últimos 100 anos,

então, um mês para escrever,
mas demorou 100 anos
para ser escrito

porque precisou ser vivido.



Eu tenho muito a necessidade
de ser útil.

Talvez por conta dessa formação
que eu tive,

em que se valorizava tanto o
trabalho braçal,

essa ética do trabalho braçal
que eu recebi do meu padrasto,

eu sempre acho que tenho que
fazer mais,

que eu preciso trabalhar mais,
e que há uma necessidade

interior minha

de sempre estar produzindo e
ajudando e trabalhando.

Então a universidade me dá isso.

E a crítica literária e hoje
mais a resenha
que venho fazendo,

e organizando livros,

me permite ser útil
para o leitor,

ser útil para os escritores.

Tenho sempre a preocupação
de na medida do possível,

dar uma resposta para aquelas
pessoas que estão escrevendo.

Claro que não posso dar
resposta para todos

porque é uma quantidade
muito grande,

mas sempre escolho algum
escritor novo, que está
despontando,

para dialogar com ele,
acho isso importante,

não quero me tornar um escritor
que ignora as gerações
mais jovens.

A crítica me dá prazer não na
hora de escrever,

ela me dá prazer na hora de

ler o livro.

A leitura é fundamental.

Quando me perguntam
o que você é, eu sou,
antes de mais nada, leitor.

A leitura precede a literatura.

Famosa frase do
Jorge Luis Borges, que
foi grande leitor e escritor.

Ele diz assim, "Que outros
se jactem dos livros
que escreveram,

a mim me orgulham os livros
que tenho lido".

Acho que essa é a essência do
ato de escrever, a tua
disposição de ler.

Eu sou curioso pela literatura,
tento ler o máximo que dá,

tento acompanhar os escritores
brasileiros, estrangeiros.

Então acho que essa condição
de leitor é fundamental para a
gente que está na literatura.

E a crítica me permite estar
em contato com essa
literatura contemporânea,

eu tenho alguns depoimentos
de amigos, grandes escritores

que dizem: "Não, você
se preocupa com os
contemporâneos

e eu leio os clássicos."

Eu leio os clássicos também,
mas não quero ficar longe da
literatura contemporânea.

Leio muito literatura
de língua portuguesa,
literatura brasileira,

porque acho que esse contato
visceral com
a língua portuguesa

é fundamental para quem
está escrevendo.

É uma literatura, no geral,
muito forte,
a literatura brasileira,

mas ela é carente de leitores.

E ela é carente
de espaço na mídia.

A gente percebe acompanhando,
é só pegar os
suplementos literários

nos jornais e revistas do
Brasil inteiro,

qualquer livro estrangeiro
acaba tendo mais espaço

do que os livros
dos escritores brasileiros.

Isso vai causando um
afastamento muito grande

do público e
da literatura brasileira.

Você sabe quem é o escritor
do momento na Argentina,

mas não sabe quem é
o escritor do momento
na literatura brasileira.

E os leitores perdem porque
eles perdem
referenciais importantes

da própria vida nacional.

Perdem reflexões sobre o país
que eles estão vivendo.

Nós temos uma riqueza literária
muito grande,

até pelo contato que a cultura
erudita no Brasil tem com a
cultura popular.

Nossa cultura é rica porque
fazemos essa mescla de cultura
erudita e cultura popular.

A minha biblioteca é tão
importante quanto as memórias

da minha cidadezinha que tem lá
seus personagens populares.

Brinco sempre com os amigos
que sou uma máquina fotográfica

tirando flashes permanentes,
tomando imagens permanentemente

e arquivando na minha memória.
Sou um observador.

Sou um leitor
razoavelmente organizado

que anota tudo que lê.

Tenho um diário onde escrevo o
que li, do que gostei e do que
não gostei,

as passagens que me chamaram
a atenção.

E vou acumulando vivências e
vou acumulando também leituras

para uma oportunidade futura
quando poderei escrever um
romance.

A escrita para mim começa muito
antes da escrita.

Quando me perguntam: "Você está
escrevendo um romance?"

Eu sempre digo, "Estou."
Mesmo que eu não esteja
escrevendo um romance.

Porque estou ali observando,
colhendo material,
não tomando notas,

estou colhendo vivências, estou
armazenando em mim histórias,

nomes de pessoas, imagens,
um pôr do sol, coisas que me
chamam a atenção.

Quando eu chego no momento
de sentar e escrever,

é o momento mais fácil
para mim,

já passei um ano, dois anos,
três anos, elaborando

interiormente isso.

Aí a escrita fica
um pouco mais tranquila,

brinco que a partir daí é só
fazer o download.

Clicar para baixar o arquivo.

Esse arquivo é interior,
está dentro de mim
e sai com muita facilidade.

Eu sou o tipo do autor
que não sofre

diante da página em branco
ou da tela em branco.

Eu gosto de transitar por todos
os gêneros e tirar deles
o que têm de melhor.

Por exemplo, o tema da infância
está em quatro formatos.

No romance "Chove Sobre
Minha Infância",

nos poemas de
"Venho de um País Obscuro",

nos contos de "Hóspede Secreto"
e nas crônicas de
"Herdando uma Biblioteca".

Então usei quatro gêneros para
tratar do mesmo universo que é
minha infância.

Sou um romancista que escreve
poesia, que escreve contos e
que escreve crônicas.

Porque, para mim, o romance
é o resumo dos gêneros.

No romance eu coloco tudo.

Você pode colocar carta,
você pode colocar diário,

você usa todas
as linguagens possíveis,

todos os gêneros
podem estar presentes.

Minha primeira mulher
tem um longo poema,
"O Jardim em Chamas",

que foi escrito como poema,
o último capítulo de
"Chove Sobre Minha Infância",

eu escrevi como poema e depois
coloquei no formato prosa.

Mas quando o leitor está lendo,
ele percebe uma mudança de
registro naquele capítulo.

No romance eu posso dizer mais.

Na poesia existe um limite,
no conto existe um limite,
na crônica existe um limite.

No romance há um limite,
mas ele é mais distendido.

Eu tenho que saber claramente
como começa o romance e como
termina o romance.

A crônica também, eu tenho que
saber onde vai dar aquele texto

como vai terminar e como vai
ser a primeira frase.

No romance
tem uma coisa interessante,

todos os romances,
depois de escritos,

eu jogo fora
o primeiro capítulo.

Porque naquele
primeiro capítulo

o autor ainda está
cheio de dedos,

como vai ser o romance, você
começa a fazer umas introduções

que sempre observei
que são desnecessárias.

Ao eliminar o primeiro capítulo,
por mais bem planejado que
ele estava lá,

eu já jogo o leitor
no meio da ação.

Então o leitor já cai no meio
da ação e ali já continuo a
partir desse momento.

Então é importante você ter
um esqueleto até
como uma segurança,

você ter uma planta baixa
do teu livro.

Mas também não pode ficar muito
preso nesse esqueleto,

tem que ter a liberdade de
deixar que o livro

te leve para onde
ele quer te levar.

Tem livros que levam para
coisas completamente diferentes
em relação ao que você projetou.

Mas ter um projeto, ter uma
planta do livro

é algo que dá segurança para
quem vai escrever.

Quem escreve vive uma situação
de instabilidade e de
insegurança muito grande.

Você tem que criar
a partir do nada,

você tem que produzir um livro
de 200, 300, 400 páginas,

a partir de impressões que
você tem, a partir
de coisas imateriais.

Quando se consegue desenhar o
livro, você tem um elemento
de segurança,

como se aquilo te desse a
certeza de que o livro
vai existir.

Eu não releio o que escrevi.

Começo sempre no dia seguinte
de onde parei sem querer saber
o que está para trás.

O que está para trás
eu vejo depois.

Porque se você começa a
voltar para o romance
que está escrevendo,

você lê lá,
"Aqui preciso de uma elaboração,

isso aqui preciso ver no livro
tal se está correto,

isso aqui tenho que conversar
com fulano para ver
se é assim mesmo faz".

Então eu não faço isso.

Eu esqueço o que está para
trás nesse primeiro momento.

Só que me dá
um trabalho violento,

porque no segundo momento
tenho que fazer tudo isso.

Tenho que checar informação,
checar nome,

tenho que corrigir alguma coisa,
tenho que eliminar
os termos repetidos,

tenho que acertar a questão do
tempo verbal,
que é uma coisa complicada,

porque como escrevo sem voltar
o livro, começo em um tempo,
termino em outro

e algumas vezes
não tem muito sentido.

Então nas segundas férias que
faço esse ajuste, dou uma
arrumada no texto.

O terceiro período de férias é
quando faço a revisão final
do livro.

Aquela revisão mais superficial
de trocar uma palavra,
corrigir expressões.

Nessa terceira revisão eu leio
todo o livro em voz alta.

Isso eu aprendi com o
Luiz Vilela, o Luiz aprendeu
com o Flaubert,

o Flaubert tinha uma árvore do
lado da casa dele que era
chamada a árvore da gritaria,

porque ele ficava lendo
em voz alta e representando
os livros dele sozinho,

fazendo todas as vozes
do livro.

O Vilela falou que isso
é muito bom, que ajuda.

E é verdade,
porque a leitura em voz alta

dá o compasso de leitura
para o leitor,

acaba o livro ficando fácil
de ler

porque para poder ler em voz
alta tem que ter uma estrutura

razoavelmente fluida para poder
jogar a leitura para frente.

Então eu pego uma coisa aqui,
outra ali para poder montar
o romance.

Mas quando escrito,
tem que ter unidade.

Ou que se tiver uma diversidade,
tiver uma variação,

essa variação tem que estar
semanticamente justificada
dentro do romance.

Não é apenas um fragmento
pelo fragmento.

Então o romance exige muito
mais de um escritor.

Mas nem tudo rende romance.

Por isso escrevo poesia,
por isso escrevo crônica
e tudo mais.

Claro que o conto,
poema, a crônica,

escrevo numa manhã de sábado,
numa manhã de domingo,

num momento qualquer ali
da minha vida,

eu tiro um tempinho
e escrevo a crônica.

Mas o romance não dá, ele
exige essa dedicação plena

para poder tirar um livro
que tenha algo a dizer

e que tenha uma pulsão
de leitura

e que não seja um atrapalho na
vida do leitor.

Tenho muito disso, não quero
que meu livro seja um tormento
na vida de quem está lendo.

"Deixo o carro na esquina e
caminho em silêncio
pelas ruas do passado.

No portal de armazém ermo,
sentávamos para aprender o
idioma quente das ruas.

Nesta velha casa, toquei o
primeiro corpo de mulher.

Era bem mais velha e gostava
de exhibir coxas
e seios luzidios.

Hoje deve estar escondendo
até do marido uma flacidez

que não a deixa se olhar
de frente o espelho.

Aqui neste portão eu namorava
uma menina linda e fanhosa.

As pedras dessa calçada
são de saudosa memória."

